



COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION

ESTUDANTE: _____ DATA: _____

FICHA DE FÍSICA DO 1º ANO/ PROF. JULIO CESAR

O Julgamento de Thamus

Você encontrará em Fedro de Platão uma história sobre Thamus, o rei de uma cidade do Alto Egito. Para pessoas como nós, inclinadas (na frase de Thoreau) a ser ferramentas de nossas ferramentas, poucas lendas são mais instrutivas do que esta. A história, como Sócrates contou para seu amigo Fedro, desenrolou - se da seguinte maneira: um dia Thamus recebeu o deus Theuth, que foi o inventor de muitas coisas, inclusive do número, do cálculo, da geometria, da astronomia e da escrita. Theuth exibiu suas invenções para o rei Thamus, afirmando que elas deviam ser amplamente conhecidas e disponíveis aos egípcios. Sócrates continua:

Thamus indagou sobre o uso de cada uma delas, e, enquanto Theuth discorria sobre elas, expressava aprovação ou desaprovação, à medida que julgasse as afirmações de Theuth bem ou mal fundamentadas. Levaria tempo demais repassar tudo o que relatou sobre o que Thamus disse a favor ou contra cada invenção de Theuth. Mas quando chegou na escrita, Theuth declarou: "Aqui está uma realização, meu senhor rei, que irá aperfeiçoar tanto a sabedoria como a memória dos egípcios. Eu descobri uma receita segura para a memória e para a sabedoria". Com isso, Thamus replicou: "Theuth, meu exemplo de inventor, o descobridor de uma arte não é o melhor juiz para avaliar o bem ou dano que ele causará naqueles que a praticarem. Portanto, você, que é pai da escrita, por afeição ao seu rebento, atribui-lhe o oposto de sua verdadeira função. Aqueles que a adquirirem vão parar de exercitar a memória e se tornarão esquecidos; confiarão na escrita para trazer coisas à sua lembrança por sinais externos, em vez de fazê-lo por meio de seus próprios recursos internos. O que você descobriu é a receita para a recordação, não para a memória. E quanto à sabedoria, seus discípulos terão a reputação dela sem a realidade, vão receber uma quantidade de informação sem a instrução adequada, e, como consequência, serão vistos como muito instruídos, quando na maior parte serão bastante ignorantes. E como estarão supridos com o conceito da sabedoria, e não com a sabedoria verdadeira, serão um fardo para a sociedade".

(Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia/Neil Postman)

O rico e criativo mito elaborado por Sócrates nos permite refletir sob diversos ângulos a respeito dos perigos engendrados pela escrita. Escolhemos, no entanto, começar nossa investigação a partir de um ponto que consideramos fundamental para o entendimento de toda essa problemática: a relação de proximidade que a escrita mantém com a imagem, uma vez que a dimensão imaginária comportada pela escrita faz com que esta se apresente, necessariamente, tal como a imagem, a partir de uma ambiguidade essencial. A relação íntima entre a escrita e a imagem é atestada, além disso, pelo próprio sentido que o termo "escrita" porta em grego, visto que, provinda do verbo γράφω, esta significa arranhar, marcar, traçar linhas, gravar, desenhar, pintar. É deste sentido inerente à palavra grega que Platão parece se apropriar ao realizar no texto uma comparação entre a pintura e a escrita. Na analogia criada, ele afirma que, assim como a pintura nos ilude ao apresentar uma imagem como viva quando está, na verdade, imóvel e inerte, e não pode nos responder uma só pergunta, o escrito, em seu caráter de imagem, também nos permite uma única via de interpretação, na medida em que este, se indagado a respeito do que ele próprio diz, só pode nos dar uma única resposta.

Enquanto contém ou concentra, de alguma forma, em seus caracteres um determinado conhecimento, a escrita pode realizar, perigosamente, uma espécie de imobilidade ou cristalização do saber, que ameaça pôr em risco a vida, no sentido de que, apresentando sempre a mesma e única, maciça e cerrada, resposta, ela inviabiliza o advento do novo, da produção e da criação. De sorte que, ao fazer isso, a escrita pode impedir de despertar, novamente, no homem o movimento original de busca pelas realidades transcendentais, uma vez que este só pode visualizar as verdadeiras essências, isso que é em si e por si mesmo, à medida que o texto consegue transparecer seu próprio limite e não uma completude aparente e ilusória, que, ao oferecer um sentido único, fecha-se e encerra-se dentro de si mesmo, não nos reportando, desse modo, para nada além de si próprio.

Nesse sentido, a escrita se mostra a partir de uma dupla possibilidade de apreensão: ao deixarmos-nos atravessar e interpelar pela insuficiência do texto em sua impossibilidade de apreender o não captável e o inapreensível dos seres inteligíveis, a escrita pode cunhar em nós, ao nos fazer esbarrar subitamente com o

indizível do texto, o desejo de busca por essas mesmas realidades; por outro lado, permitindo-nos enredar na dimensão de imagem do escrito - como se este, em si mesmo, pudesse dizer tudo - corremos o risco de ver emergir no cerne de nossas vidas uma paralisia estranha que lembra a morte. Do mesmo modo que a morte é a ausência radical e total do movimento pertencente à vida, a escrita, pelo engessamento que, em alguns casos, promove, pode causar uma estagnação que implica, comparativamente, na incursão da morte no seio da vida. É nesse sentido que o deus Teute, inventor da arte da escrita, é, ao mesmo tempo, o deus da morte para os egípcios.

Na medida em que o caráter de imagem da escrita permite ao homem acessar somente um único sentido, gerando, com isso, a falsa impressão de conter um conhecimento absoluto, esta pode inviabilizar o movimento da alma humana para além de si mesma, do mesmo modo que o texto escrito só nos reporta quando questionado a respeito do que diz para ele próprio, de sorte que, ao aprisionar o movimento, fundamentalmente intrínseco à vida, a escrita pode produzir uma paralisia, que aproxima o homem da morte, já que a inércia e a imutabilidade da vida é a própria presença da morte no meio desta. Assim como a pintura, a escrita pode, por conseguinte, nos apresentar a aparência de um conhecimento vivo e real, quando, no fundo, nos captura e nos conduz, sorrateiramente, para a morte.

(Amor, belo e escrita a partir do diálogo Fedro de Platão. SILVA, E. M. O., 2011, p. 84).

ATIVIDADE

1. Até que ponto nossa dependência dos smartphones está moldando não apenas nossa comunicação, mas também nossa capacidade de concentração e reflexão? Como a constante conexão afeta nossa habilidade de processar informações de maneira profunda e crítica?
2. Considerando a rápida evolução da tecnologia de smartphones, em que medida somos consumidores passivos, simplesmente adotando novas tecnologias sem avaliar completamente seu impacto em nossa saúde mental, bem-estar e relacionamentos pessoais?
3. Como a dependência crescente dos smartphones pode influenciar nossa privacidade e segurança pessoal? Em que medida os avanços tecnológicos estão sendo usados para coletar dados pessoais sem o pleno entendimento ou consentimento dos usuários?
4. Em um mundo onde a tecnologia móvel é essencial para o acesso à informação, existe o risco de que grupos sociais vulneráveis sejam marginalizados devido à falta de acesso ou habilidades para usar dispositivos tecnológicos? Como a desigualdade digital pode agravar as disparidades sociais?
5. Ao considerar a rápida obsolescência de dispositivos eletrônicos, como os smartphones, qual é o impacto ambiental da produção em massa, consumo e descarte desses dispositivos? Até que ponto a incessante busca por tecnologia de ponta contribui para a exploração de recursos naturais e para o problema do lixo eletrônico?